

# OS LUSÍADAS

## EPISÓDIO DE INÊS DE CASTRO

**Que razões teriam levado ao assassinio de Inês de Castro e em que medida respeitou Camões a verdade histórica?**

D. Pedro casou com D. Constança de Castela, mas Inês de Castro, aia de D. Constança que integrava a sua comitiva, frequentava o paço.

Logo que a amizade de D. Pedro por D. Inês se tornou objecto de escândalo, ela foi expulsa e proibida de voltar a Portugal. Mas logo que D. Constança morreu, D. Pedro faz regressar Inês a Portugal, instalando-a em Coimbra nos Paços de Santa Clara. Vieram os filhos bastardos, a influência dos Castros tornou-se reparada entre os fidalgos portugueses que apontavam o perigo do domínio castelhano. Convencem D. Afonso IV a mandar matar Inês, por razões de Estado. O rei ainda hesita, mas finalmente Inês é degolada em Coimbra. É isto que, em traços gerais se aceita como histórico em relação à *"mísera e mesquinha/ que depois de morta foi rainha"*.

Ao lermos o episódio d'*Os Lusíadas*, verificamos que as alterações à verdade histórica operadas por Camões se orientam a uma mais intensa poetização do triste acontecimento. Assim o poeta **insiste mais na inocência de Inês do que nas razões de Estado**. Não faz alusão à expulsão de Inês, que, ao ser assassinada, nem sequer sabia da trama que se movia contra ela. **Inês é sobretudo vítima do destino, vítima do amor, mais do que das razões políticas**. É morta por uma espada que lhe trespassa o coração. Este género de morte está mais de acordo com a poetização sentimental dada pela tradição e constitui um tipo de morte próprio de uma acção com características trágicas.

- Episódio Lírico
- Plano da História de Portugal
- Narrador: Vasco da Gama que conta a história de Portugal ao rei de Melinde

### **Introdução (estrofes 118 e 119)**

Vasco da Gama anuncia que a história que se segue era " O caso triste e dino da memória" cujo responsável é somente o Amor "Tu, só tu, puro Amor, com força crua"/ "Deste causa à molesta morte sua" que precisa de sangue e sacrifício para se saciar "...Tuas aras banhar em sangue humano".

### **Desenvolvimento (estrofes 120 a 132)**

- As estrofes 120, 121 e 122 apresentam um quadro de tranquilidade e alegria e introduzem a personagem principal. Inês, caracterizada como “linda Inês”, com “fermosos olhos”, vivia nos campos do Mondengo, rodeada por uma natureza alegre e amena, recordando a felicidade vivida com D. Pedro, as “memórias de alegria”. No entanto, na estrofe 120 – “Naquele engano da alma, ledo e cego, / Que a fortuna não deixa durar muito” – é já anunciada uma certa atmosfera de fatalidade.
- Nas estrofes 122 e 123 é indicado o oponente ao amor de Pedro e Inês. O rei D. Afonso IV, “o velho pai sesudo”, vendo que não conseguia casar o filho em conformidade com as necessidades do Reino, decide pela morte de Inês “Tirar Inês ao mundo determina” acreditando que assim o amor que D. Pedro sentia por Inês terminaria “Matar do firme amor o fogo aceso”.
- A estrofe 124 mostra já o dia fatal em que a sentença é executada. Inês é levada à presença do rei, que por ela sente piedade. Salienta-se a adjectivação anteposta dos homens que vão executar Inês, “horríficos algozes” realçando a sua falta de escrúpulos e de piedade, em oposição ao rei.

### **Discurso de Inês de Castro (estrofes 126 a 129)**

Diante do rei, Inês profere um discurso em que apela à sua piedade e suplica-lhe que não a mate utilizando para o efeito vários argumentos:

- A compaixão das “brutas feras” e das “aves agrestes” pelas crianças e o apelo à humanidade e respeito do rei para com os filhos que ficarão orfãos;
- O poder do rei “A morte sabes dar com fogo e ferro, / Sabe também dar vida, com clemência/ A quem pera perdê-la não fez erro”.
- A sua inocência;
- O exílio como alternativa à morte.

Depois de ouvir Inês, o rei vacila na sua decisão e quer “perdoar-lhe” no entanto, o destino e as razões do Reino, “o pertinaz povo e seu destino” não o permitiram e Inês é morta com a espada dos “brutos matadores”.

### Conclusão (estrofes 133 a 135)

Nas estrofes 133 a 135, o narrador tece alguns comentários ao assassinio cometido, realçando a referência à Natureza personificada que participa deste sofrimento e reflectindo sobre a morte de Inês que, agora, contrariamente à caracterização inicial, é descrita como sendo uma “pálida donzela” que, tal como uma flor apanhada antes do tempo, perdeu a cor e o cheiro .

No final, alude-se à mítica Fonte dos Amores formada com as lágrimas das ninfas do Mondego: “vede que fresca fonte rega as flores, / Que lágrimas são a água e o nome Amores”.

### O episódio de Inês de Castro é trágico e lírico.

**Trágico** – porque contempla momentos característicos de uma tragédia clássica:

- Inês é de alta estirpe e está feliz;
- A paixão entre Pedro e Inês é um desafio ao poder real, por Inês representar um perigo para o reino;
- A Piedade, presente no discurso de Inês quando tenta demover o rei;
- Presença dos destino;
- A Catástrofe quando se consuma a morte de Inês;
- O Coro (as considerações do poeta).

**Lírico** – porque o narrador exprime os seus sentimentos e emoções ao longo do episódio, interpela o Amor acusando-o de ser responsável pela tragédia, expressa a inconformidade do “eu” poético, bem como a repulsa, indignação e revolta pela morte trágica de Inês.